

Fernando Icaro Jorge Cunha
Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad
Wellington Junior Jorge
(Organizadores)

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: EXPÊRIENCIA DE DOCENTES NA PANDEMIA

UNIEDUSUL
EDITORA



Fernando Icaro Jorge Cunha
Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad
Wellington Junior Jorge
(Organizadores)

**ENSINO REMOTO EMERGENCIAL - EXPERIÊNCIAS DE DOCENTES EM
TEMPOS DE PANDEMIA**

2021 Uniedusul Editora - Copyright da Uniedusul
Editor Chefe: Me. Wellington Junior Jorge
Diagramação e Edição de Arte: Uniedusul Editora
Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Adilson Tadeu Basquerote Silva Adriana Gava	Jessica da Silva Campos Jéssica Rabito Chaves
Alexandre Azenha Alves de Rezende Alexandre Matiello	John Edward Neira Villena Jonas Bertholdi
Ana Júlia Lemos Alves Pedreira Ana Paula Romero Bacri Andre Contin	Karine Rezende de Oliveira Leonice Aparecida de Fatima Alves Pereira Mourad
Andrea Boari Caraciola Antonio Luiz Miranda	Luciana Karen Calábria Luciano Messina Pereira da Silva Luiz Carlos Santos
Campos Antônio Valmor de Carlos Augusto de Assis	Luiz F. do Vale de Almeida Guilherme Marcelo de Macedo Brigido
Christine da Silva Schröder Cíntia Beatriz Müller	Maurício José Siewerdt Michelle Asato Junqueira Nedilso Lauro Brugnera
Claudia Madruga Cunha Claudia Padovesi Fonseca Daniela de Melo e Silva	Ng Haig They Normandes Matos da Silva Odair Neitzel
Daniela Franco Carvalho Dhonatan Diego Pessi	Olga Maria Coutinho Pépece Pablo Cristini Guedes
Domingos Savio Barbosa Fabiano Augusto Petean Fabrício Meller da Silva	Rafael Ademir Oliveira de Andrade Regina Célia de Oliveira Reinaldo Moreira Bruno
Fernanda Paulini Francielle Amâncio Pereira Graciela Cristine Oyamada	Renilda Vicenzi Rita de Cassia Pereira Carvalho Rivael Mateus Fabricio
Hélcio de Abreu Dallari Júnior Helena Maura Torezan Silingardi Izaque Pereira de Souza	Sarah Christina Caldas Oliveira Saulo Cerqueira de Aguiar Soares Viviane Rodrigues Alves de Moraes
Jaisson Teixeira Lino Jaqueline Marcela Villafuerte Bittencourt	

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E59 Ensino remoto emergencial [livro eletrônico]: experiência de docentes na pandemia / Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad, Fernando Ícaro Jorge Cunha, Wellington Junior Jorge. – Maringá, PR: Uniedusul, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-86010-77-0

1. Educação. 2. Planejamento educacional. 3. Ensino à distância.
4. Pandemia. I. Mourad, Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira.
II. Cunha, Fernando Ícaro Jorge. III. Jorge, Wellington Junior.
CDD 371.207

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Permitido fazer download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.uniedusul.com.br

A PANDEMIA NARRADA POR MULHERES: EXPERIÊNCIAS PLURAIS E SABERES SITUADOS

CAMILA PEIXOTO FARIAS¹

UFPEL

GIOVANA FAGUNDES LUCZINSKI²

UFPEL

RESUMO: A situação da pandemia de Covid-19 nos convoca a buscar ferramentas teóricas para compreender a realidade que se apresenta, desenvolvendo formas de intervenção que se adequem aos desafios do momento. O presente artigo relata a experiência de criação de um projeto que engloba ações de ensino, pesquisa e extensão, voltadas à investigação e ao enfrentamento da pandemia, em termos de saúde mental, no âmbito da psicologia. Trata-se de um projeto colaborativo, calcado na interdisciplinaridade e interseccionalidade, que considera fundamental analisar a pandemia a partir de um recorte de gênero. Para isso, utiliza como metodologia o diálogo entre psicanálise, perspectiva fenomenológica, teorias feministas e narrativas de mulheres brasileiras dos mais diversos contextos, de modo a construir formas de evidenciar as vulnerabilidades que permeiam tais realidades. Apresentamos o delineamento da pesquisa em andamento e também os resultados de ações de ensino e extensão, todas desenvolvidas de modo remoto, alcançando mulheres de diferentes partes do país e brasileiras residentes no exterior, através de abordagens diferenciadas. Os resultados demonstram a importância de ouvirmos e considerarmos as vivências de mulheres no contexto pandêmico que vivemos, de forma a desenvolver ações adequadas, como políticas públicas, oferta de serviços e dispositivos de cuidado, combatendo a reprodução de narrativas e práticas hegemônicas redutivas – que, com frequência, excluem as pessoas mais vulneráveis. Conclui-se que a metodologia desenvolvida e o foco dos projetos foram inovadores e promotores de mudanças – principalmente no contexto universitário, contribuindo para uma formação calcada na pluralidade de vozes e saberes –, reforçando a necessidade de sua continuidade.

Palavras-chave: pandemia, gênero, pesquisa, ensino, extensão.

ABSTRACT: The situation of the Covid-19 pandemic compels us to look for theoretical tools to understand the reality that is being presented, developing forms of intervention that fit the challenges of the moment. This article reports the experience of creating a project that encompasses teaching, research and extension actions, aimed at investigating and coping with the pandemic, in terms of mental health, in the field of psychology. This is a collaborative project, based on interdisciplinarity and intersectionality, which considers it fundamental to analyze the pandemic from a gender perspective. To do so, it uses as methodology the dialogue among psychoanalysis, phenomenological perspective, feminist theories, and narratives of Brazilian women from the most diverse contexts, in order to build ways to highlight the vulnerabilities that permeate such realities. We present the outline of the research in progress and also the results of teaching and extension actions, all developed remotely, reaching women from different parts of the country and Brazilians living abroad, through differentiated approaches. The results show the importance of listening to and considering the experiences of women in the pandemic context we live in, in order to develop appropriate actions, such as public policies, services and care devices, fighting the reproduction of hegemonic reductive narratives and practices - which

¹ Professora Adjunta do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Mestre e Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Coordenadora do Pulsional – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise; Membro do Grupo de Trabalho: Psicanálise, subjetivação e cultura contemporânea da Associação Nacional de Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP).

² Professora Adjunta do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica (PUC-SP) e Doutora em Psicologia Social (UERJ). Coordenadora do *Epoché* – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial.

often exclude the most vulnerable people. We conclude that the methodology developed and the focus of the projects were innovative and promoters of change - especially in the university context, contributing to an education based on the plurality of voices and knowledge - reinforcing the need for its continuity.

Keywords: pandemic, gender, research, teaching, extension.

A narrativa que iremos apresentar articula construções no âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão que tiveram origem no início da pandemia de Covid-19 no Brasil, mais especificamente com a suspensão das atividades presenciais na Universidade Federal de Pelotas, em março de 2020. Daquele momento em diante, fomos confrontadas com uma realidade desconhecida, que afetou intensamente nossas vidas, em diversos âmbitos. Enquanto mulheres e professoras, começamos a compartilhar nossas dores, inquietações, desafios e reflexões uma com a outra, dia após dia, vendo nascer um espaço significativo de trocas, diálogos, desconstruções, construções e cuidado. Fomos percebendo muitas vivências em comum e também experiências e sentimentos diferentes, ocasionando desdobramentos subjetivos diversos.

Esse espaço de trocas tão rico no âmbito pessoal tornou-se um espaço seguro e acolhedor para a construção de muitos questionamentos na esfera profissional. Em dado momento, a questão que nos tomou foi a seguinte: como olhar para a pandemia a partir do contexto universitário, enquanto professoras e pesquisadoras, sem excluir as nossas próprias experiências? Alguns aspectos já nos indicavam possibilidades para a construção de respostas: nossas vivências e inquietações, a escuta de outras mulheres que viviam em contextos diferentes dos nossos e as indicações de instituições – como a ONU Mulheres – , que estavam atentas à complexidade e à diversidade de realidades que compunham aquele momento pandêmico inicial. Isso foi mostrando que não era possível pensar a pandemia de Covid-19 de forma generalista, pois fatores estruturais como gênero, raça e classe não podiam ser ignorados.

A partir do entrelaçamento das nossas percepções com as diversas narrativas que chegaram até nós sobre o momento que vivíamos, fomos construindo caminhos, a partir da universidade, para ampliar o espaço inicialmente criado. A partir daí, desdobramos nossas trocas em ações no âmbito profissional, voltadas para a pluralidade de realidades vivenciadas por mulheres na pandemia. Essas ações estão intimamente articuladas e se sustentam no tripé fundamental do fazer na universidade: ensino, pesquisa e extensão. Para avançar na apresentação desse percurso que construímos, precisamos, primeiramente, explicitar alguns aspectos que nos ajudam a compreender porque é tão importante pensar a pandemia a partir de uma perspectiva de gênero.

O contexto da pandemia de Covid-19 deflagrou desigualdades já anteriormente experienciadas, porém, muitas vezes, invisibilizadas aos olhares cotidianos. Em consequência disso, a vida de todas as pessoas, em especial a de populações mais vulnerabilizadas, passou por mudanças radicais, que intensificaram problemáticas já existentes. Dentro da conjuntura política e social vigente, marcada pela lógica desigual própria do capitalismo, a pandemia produz impactos distintos em diferentes grupos sociais. Nesse sentido, encaramos uma pandemia de classe, raça e gênero, conforme afirma Harvey (2020), o que nos faz considerá-la, além de uma crise sanitária, também uma crise psicossocial.

A partir disso, torna-se imprescindível analisar o cenário atual e as suas reverberações sob a perspectiva de gênero, visto que as mulheres pertencem a um grupo social marcado por violências múltiplas. Salientamos que a categoria “mulheres” não está posta aqui como grupo homogêneo, mas atravessado de forma interseccional por diversos marcadores, como raça, classe, orientação sexual, cis-trans-identidades, maternidade, dentre outros. De acordo com a ONU Mulheres (2020), as mulheres, sujeitos historicamente colocados em um lugar subalternizado, seriam alvo de impacto desigual durante e pós pandemia, principalmente aquelas à margem da sociedade e habitantes de países do sul global, como é o caso do Brasil.

A experiência dos últimos meses confirma essa previsão. A pandemia escancarou desigualdades historicamente construídas, pois as particularidades da crise sanitária se somaram ao racismo estrutural, ao machismo, à LGBTI+fobia, e a inúmeras outras formas de opressão que têm afetado as pessoas das mais variadas formas, sobretudo as mulheres, em seus diferentes contextos. Diante do cenário de necessidade de isolamento físico, o ambiente doméstico tornou-se, em muitos casos, o palco principal dos acontecimentos da vida, gerando aumento das demandas de tarefas diárias vinculadas ao cuidado da casa e da família. Sabe-se que tais atividades “invisíveis” têm sido historicamente atribuídas a uma suposta natureza feminina e, por isso, não são reconhecidas como trabalho (FEDERICI, 2019). Por outro lado, a impossibilidade de permanecer em casa – a qual se deve, principalmente, à obrigação de trabalhar fora, dentro da lógica desigual do capitalismo – tem causado medos e sofrimentos, à medida que envolve a exposição a possíveis formas de contaminação. Essa é a realidade de muitas trabalhadoras que atuam nos serviços de saúde, serviços essenciais ou como empregadas domésticas, responsáveis pelo cuidado de outros lares em detrimento dos seus. Nos

contextos urbanos, há ainda aquelas que vivem em espaços pequenos, com toda a família, ou as que vivem nas ruas.

Portanto, as reverberações da crise desencadeada pela pandemia de Covid-19 atingem de modo violento as mulheres, mas isso se dá de formas diversas, que variam de mulher para mulher, dependendo da raça, da classe, da idade, da profissão, da orientação sexual e do território onde habita. Mulheres de contextos urbanos, do campo e da floresta experimentam de forma singular os desafios colocados por uma pandemia e seus inúmeros desdobramentos.

A mudança abrupta na rotina, o medo de adoecer e de contaminar outras pessoas, a perda do emprego, a morte de pessoas próximas, a sobrecarga de trabalho, a instabilidade financeira, os efeitos das sucessivas crises políticas, a solidão imposta pela necessidade de isolamento físico ou pela jornada exaustiva de trabalho e o medo imposto pela impossibilidade de ficar em casa são algumas vivências frequentes nesse período.

Narrar as histórias vividas nesse período desafiador é uma das ações necessárias para registro histórico e para a compreensão dessa situação inédita, de forma a planejar e conduzir ações de enfrentamento alicerçadas na pluralidade de experiências, sofrimentos e situações de violência e precarização da vida. Tendo isso como a utopia que nos guia em nosso fazer na universidade, o presente texto visa a apresentar o projeto que construímos e que se desdobra em três frentes – ensino, pesquisa e extensão –, voltado a discussões que partem do recorte de gênero no contexto da pandemia de Covid-19.

Trata-se de um projeto multidimensional, interdisciplinar e colaborativo, cujas ações acontecem através de modalidades remotas de estudo, investigação e intervenção. Seguindo as premissas dos métodos fenomenológico e psicanalítico de pesquisa, articulados a teorias feministas, as ações descritas neste trabalho têm como eixo central a singularidade da experiência em articulação com os marcadores sociais que as alicerçam. O projeto e suas ações surgem do desejo de que as narrativas das mulheres sejam incluídas nas discussões sobre a pandemia a partir de uma perspectiva interseccional. Nesse sentido, levando-se em conta a impossibilidade de contato presencial, foram construídas ações cujos objetivos, alcances e reverberações serão detalhados a seguir. São elas:

- Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres (Pesquisa)
- Elas por Elas: as mulheres e a pandemia (Extensão)
- As mulheres na pandemia: discutindo questões de gênero (Ensino)

AGORA É QUE SÃO ELAS: A PANDEMIA DE COVID-19 CONTADA POR MULHERES

O projeto de pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres” foi criado na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), pela Profa. Dra. Camila Peixoto Farias, através do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise (Pulsional), seguindo em parceria com a Profa. Dra. Giovana Fagundes Luczinski, coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial (*Epoché*). Conta também com a colaboração do Laboratório *marginália* (UFRJ), coordenado pela Profa. Dra. Fernanda Canavêz de Magalhães. O diálogo entre a perspectiva psicanalítica e a perspectiva fenomenológico-existencial é um de seus alicerces.

O projeto nasce da inquietação diante da diversidade de vivências que as mulheres estavam experienciando durante a pandemia e do fenômeno de silenciamento em relação à especificidade dessas questões. Surge, então, o interesse, em termos científicos, na diversidade de realidades vividas, nos sentidos a elas atribuídos e em seus desdobramentos em termos de saúde mental.

O primeiro grande desafio foi pensar a construção de uma metodologia para acessar essas histórias em um momento tão preocupante e que exigia o distanciamento físico. Nossa experiência, até aquele momento, havia sido trabalhar com pesquisas teóricas e investigações que iam à campo para encontrar, corpo a corpo, pessoas e situações. Diante da necessidade de empreender uma coleta de dados on-line, nos deparamos com diversos questionamentos, dentre eles: como criar um instrumento que permitisse conhecer o contexto das mulheres, os marcadores sociais que alicerçavam suas vivências e que também as convidasse ao compartilhamento de vivências, histórias e sentimentos?

Tendo esse questionamento como guia, fomos construindo um questionário no formato on-line de forma cuidadosa, pensando na linguagem, no *layout* e escolhendo uma imagem de capa que pudesse ser empática e acolhedora. Nesse caso, foi solicitada uma ilustração à artista/ilustradora Jana Magalhães. Nosso objetivo era que as mulheres se sentissem acolhidas e que fizesse sentido para elas falar de si, compartilhando suas histórias conosco. Nesse percurso de construção do instrumento, entramos em contato com outras pesquisadoras para discutir algumas questões referentes à linguagem, à adequação de alguns termos etc. Um grupo de alunas da UFPEL nos ajudou com testes pilotos, que também foram feitos por outras mulheres de diferentes contextos. Todo esse processo de troca e diálogo foi fundamental para o aprimoramento do instrumento. Dessa forma,

realizamos uma construção colaborativa, cuidadosa e situada, tendo como alicerce o contexto da pandemia.

A coleta de dados foi realizada através deste questionário on-line contendo 32 questões, incluindo perguntas objetivas e abertas, divulgado entre mulheres brasileiras (residentes, ou não, no Brasil). As perguntas denotavam marcadores sociais e também visavam a proporcionar um espaço de construção de narrativas pessoais. A ferramenta foi divulgada em diversas redes sociais a partir do dia 24 de maio de 2020 e ficou disponível até 07 de junho de 2020. Em quinze dias, obtivemos a quantidade surpreendente de quase 6.000 respostas, evidenciando o interesse e a identificação gerados nas mulheres que recebiam a proposta. Cabe ressaltar que a pesquisa segue as determinações da Resolução do Conselho Nacional de Saúde, nº 510, de 07 de abril de 2016, que normatizam as condições das pesquisas que envolvem seres humanos, aprovada no CEP, na Universidade Federal de Pelotas, com o número CAAE: 31203220.3.0000.5317.

A investigação que estamos conduzindo se ancora em uma prática contra-hegemônica, que valoriza a interdisciplinaridade, visando a construir pontes entre a pluralidade de experiências vividas por mulheres na pandemia e a elaboração de relatos científicos a respeito dessas experiências. Esta pesquisa está alicerçada nas mulheres que somos, situadas histórica, social e geograficamente, partindo de uma materialidade corporificada e tendo como objetivo principal conhecer a realidade de outras mulheres.

Seguindo a convocação de Haraway (1995), para compreendermos quem forjou nossa forma de enxergar o mundo, é fundamental que situemos nossas construções teórico-metodológicas, localizando saberes e reconhecendo a parcialidade inerente a qualquer construção científica. Portanto, não trabalhamos a partir de uma suposta neutralidade, mas a partir de uma epistemologia situada (HARAWAY, 1995), localizada histórica, social e geograficamente (ALCOFF, 2016). Trabalhamos em uma perspectiva parcial e não universalizante, alicerçada no diálogo entre as abordagens psicanalítica e fenomenológico-existencial – propostas hermenêuticas, que não têm como objetivo alcançar respostas universais ou replicáveis (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006; MOREIRA, 2002).

Diante da grande diversidade de dados, temos trabalhado com recortes, buscando construir interpretações articuladas aos nossos lugares situados de pesquisadoras. Somando as participantes das duas universidades envolvidas (UFPEL e UFRJ), são 14 pesquisadoras, entre professoras e estudantes de graduação em iniciação científica. O primeiro recorte realizado, que se tornou o primeiro artigo derivado da pesquisa, foi

referente às profissionais de saúde. O método adotado, construído nessa triangulação de saberes, propõe um mergulho existencial nos dados, alicerçado na atenção flutuante, seguida de um distanciamento reflexivo. Este movimento possibilita a construção de narrativas transferenciais pelas pesquisadoras, de modo a organizar unidades de sentido com base na articulação entre tais narrativas e as respostas das participantes (FORGHIERI, 2002; FIGUEIREDO; MINERBO, 2006).

O passo seguinte consiste na elaboração de categorias de análise. Neste primeiro recorte da pesquisa, tais categorias foram postas em diálogo com teorias contemporâneas, em busca de maior aprofundamento, construindo um saber situado e complexificado sobre o fenômeno abordado: ser profissional da área de saúde nos meses iniciais da pandemia de Covid-19. No momento, outros recortes estão sendo analisados e novas produções científicas estão sendo elaboradas, tendo como base as narrativas coletadas pela pesquisa.



AS MULHERES E A PANDEMIA DE COVID-19: DISCUTINDO QUESTÕES DE GÊNERO

O projeto de ensino “As mulheres e a pandemia de Covid-19: discutindo questões de gênero” foi mais uma proposta criada através da parceria entre o Núcleo de Estudos e Pesquisas Pulsional e o Laboratório *Epoché*. Aconteceu no primeiro semestre de Ensino Remoto Emergencial da UFPel, que teve início em junho de 2020, após um período pautado por incertezas sobre os rumos da universidade, com a suspensão das atividades presenciais. Naquele momento, diante da proposta de um calendário alternativo composto de 12 semanas, elaborado pela reitoria, o curso de Psicologia se mostrou contrário à oferta de disciplinas, tanto obrigatórias, quanto optativas, evitando ações que gerassem exclusão, sobrecarga e tensão na situação inédita de isolamento e distanciamento social. Considerando relatos de ansiedade e falta de recursos (emocionais e/ou materiais) por

parte de estudantes, o curso optou por oferecer atividades complementares de ensino, pesquisa e extensão, de forma a conhecer a realidade dos/as discentes, manter e estreitar o vínculo, além de adaptar o trabalho às ferramentas de ensino remoto.

Sendo assim, buscamos acolher a demanda da universidade de implementar um calendário suplementar remoto e, ao mesmo tempo, sustentar as angústias e paradoxos dessa situação, problematizando as questões envolvidas. Delineamos e sustentamos o objetivo de manter/resgatar o vínculo com estudantes a partir de atividades teórico-metodológicas pautadas pela lógica do compartilhamento, da colaboração e do cuidado. Tratava-se de um período de experimentação, no qual ocorreria o confronto com uma dimensão preponderantemente nova para a maioria, exigindo o desenvolvimento de novas possibilidades pedagógicas. Em uma situação de perdas e de ameaça à vida, o que faria sentido discutir e aprender? De que conceito de aprendizagem estávamos falando? Entendemos que o foco da universidade não deveria ser conteudista, mas sim ajudar a comunidade acadêmica e, de forma mais ampla, a comunidade pelotense, a atravessar os desafios do momento de forma a minimizar os impactos na saúde mental.

A partir dessas percepções, consideramos pertinente construir um componente de ensino voltado para a discussão da pluralidade de realidades vividas por mulheres durante a pandemia. Partimos da problematização da própria categoria “mulher”, evidenciando a naturalização que este termo carrega socialmente, tendendo a uniformizar experiências absolutamente diversas, reproduzindo exclusões (SCOTT, 2019; WITTIG, 2019). Tendo isso em vista, a ação de ensino proposta partiu do diálogo interdisciplinar, articulando abordagens psicológicas a áreas afins a saberes comunitários, trazendo à tona a diversidade de experiências vividas por mulheres cis e trans, dos mais diferentes territórios, partilhando questões relevantes em termos de saúde mental conectadas à pandemia de Covid-19.

Para organizar o projeto, uma equipe de três estudantes se uniu às coordenadoras para construir o cronograma e divulgar a programação. Foram convidadas dez mulheres, entre pesquisadoras e professoras, trabalhadoras e ativistas sociais. Ao longo de dez encontros, as convidadas trouxeram suas percepções sobre a pandemia, articulando referenciais teóricos, atividades profissionais e vivências cotidianas. Após a exposição inicial, que durava cerca de 50 minutos, ocorria uma roda de conversa com as estudantes presentes.

O período de inscrição do projeto já marcou uma peculiaridade: apenas mulheres aderiram ao componente curricular. Inicialmente, haveria 30 vagas, mas como estas foram

preenchidas no primeiro turno de inscrições, o número foi ampliado. A frequência se manteve alta até o final do projeto, que aconteceu de forma síncrona, via plataforma Zoom, todas as quintas-feiras à noite (possibilitando a participação daqueles que trabalhavam durante o dia), entre os meses de julho e setembro de 2020. A escolha por essa plataforma teve o intuito de preservar o grupo, de forma cuidadosa, apostando na construção de uma relação de confiança a partir de uma sala virtual criada para que todas pudessem se ver e ouvir, de forma que circulassem perguntas, afetos e narrativas diversas. Foram discutidas temáticas como: feminismos, racismo, LGBTI+fobia, transexualidade, trabalho doméstico, maternidade, trabalho sexual e os desdobramentos desses temas durante a pandemia.

Além de criar um espaço de respeito, acolhimento e cuidado, o grupo pactuou partir do lugar do não-saber, sem compromisso com uma performance acadêmica, na tentativa de construir coletivamente um aprendizado através do encontro com outras mulheres. Trabalhando com o inesperado, como sugere Clarice Lispector (1999), a equipe do projeto acolheu diferenças e conflitos a partir de diálogos pautados na interdisciplinaridade e na pluralidade de saberes, experiências e repercussões subjetivas. Buscou-se evidenciar a intersecção das diferentes opressões que atingem as mulheres, suas articulações, impactos no cotidiano da pandemia e as diversas expressões de silenciamento, violência e exploração historicamente perpetuadas pelo patriarcado.

Foram trazidas ferramentas teóricas importantes da luta feminista, antirracista, antilgbtfóbica e decolonial através de autoras constantemente invisibilizadas nos currículos acadêmicos, como Lélia Gonzales, Nancy Fraser, Gayatri Spivak, Angela Davis, bell hooks, Grada Kilomba, Donna Haraway, Oyèrónké Oyewùmi, entre outras. Afinal, como nos ensina hooks (2013), uma teorização que parte da experiência pode se tornar um veículo de cura, ao possibilitar um movimento de reflexão sobre a dor, com importantes desdobramentos: nomeação das vivências, ampliação do processo de compreensão de si e construção de novas possibilidades de existência. Através de testemunhos pessoais, lugares de dores e lutas podem ressurgir “como meio para mapear novas jornadas teóricas”, promovendo uma trajetória que contemple diferentes formas de ser mulher (HOOKS, 2013, p. 103).

Nos encontros, também foi possível discorrer sobre conceitos e epistemologias que não partem da matriz ocidental colonial-capitalista, questionando o sujeito universal da ciência hegemônica – colocando no centro a perspectiva da pluralidade de vozes, sempre localizadas (HARAWAY, 1995). A necessidade de rompermos com um saber colonizado que permeia as teorias psicológicas existentes se manifesta quando observamos, por exemplo, o modo como a produção científica de mulheres é constantemente colocada à

prova, principalmente pelos homens. Esta foi uma das questões que ganhou destaque nas discussões.

Ao final do projeto, revelou-se a importância de espaços como este, com foco na troca, na compreensão e na valorização da pluralidade de saberes e experiências de mulheres, principalmente em um contexto de intensificação das vulnerabilidades. Em um movimento coletivo, foram se desnudando realidades diversas e desnaturalizando saberes instituídos.

Através da sequência de encontros semanais, o projeto cumpriu um papel de cuidado, fortalecimento e suporte à saúde mental durante a pandemia, mantendo o vínculo das estudantes com o curso de Psicologia, sem cobranças formais, prazos ou produções que exigissem demasiada energia para o momento. Assim, foi possível encurtar o distanciamento entre teoria e prática, considerando as diferentes realidades dentro e fora da universidade, construindo conhecimentos de forma horizontalizada, favorecendo a circularidade e a troca de saberes. Ao final dos encontros, as participantes explicitaram o desejo de que haja um espaço constante e permanente de debates que alcance a comunidade, extrapolando os muros da universidade.

PROJETO DE ENSINO
AS MULHERES E A PANDEMIA DE COVID-19: DISCUTINDO QUESTÕES DE GÊNERO

cronograma de encontros

16/07: Clínica, gênero e colonialidade
Convidada: Fernanda Canavéz
Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Profa. do Instituto de Psicologia da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ. Coordenadora do Marginália - Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo

23/07: O trabalho doméstico e a maternidade: impacto na vida da mulher que ocupa um cargo político em meio à pandemia
Convidada: Fernanda Miranda
Mãe, professora alfabetizadora do município de Pelotas, estudante do curso de Psicologia da UPPEL, vereadora de Pelotas pelo PSOL.

30/07: A pandemia e o mais do mesmo na vida de uma mulher negra de uma mulher mãe
Convidada: Julinéia Soares
Psicóloga e psicanalista crítica. Mestre em Estudos Psicanalíticos pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFMG. Graduada em Psicologia com ênfase em Processos Clínicos pela mesma universidade. Especialista no empoderamento de mulheres negras. Militante negra bissexual não monogâmica e mãe. Mulherista em formação

6/08: Mulheres negras e a produção de conhecimento - diferenças em tempos de pandemia
Convidada: Maria Luisa Pereira de Oliveira
Psicóloga negra feminista. Especialista em Psicologia Clínica e Violência Doméstica. Mestre em Saúde Coletiva. Doutoranda do P.P.G. em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. Psicóloga Clínica. Psicóloga do Hospital de Clínicas de Porto Alegre

13/08: Um corpo no Mundo: (Des)construindo Desigualdades
Convidada: Maria Lopes
Mulher trans, fotógrafa e bacharela em Arqueologia com ênfase em Arqueologia do Capitalismo, pela FURG. Partindo das perspectivas da pesquisadora Oyèrónké Oyewùmi, dedica-se à importância da interpretação sobre o corpo no processo de elaboração e justificação das desigualdades de gênero, raça, classe e sexualidade no ocidente.

20/08: Mapeando questões LGBTQI+ nas lutas cotidianas pelo direito à cidade - demandas de sujeitos invisibilizados no trabalho sexual
Convidada: Louise Prado Alfonso
Graduada em Turismo, Mestre em Antropologia e Doutora em Arqueologia. Profa. do Departamento de Antropologia e Arqueologia UPPEL e dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia e Arquitetura da UPPEL. Coordena o Projeto de Extensão "Mapeando a Noite: O Universo Travesti", que se insere no Projeto de Pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas, do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR).

27/08: Negritude e silenciamento: o que nós temos a ver com isso?
Convidada: Tereza Cristina Barbosa Duarte
Doutoranda PPG em Antropologia na UPPEL. Professora de Artes Visuais, no IFSul Câmpus Pelotas. Membro do NEABI/IFSul Câmpus Pelotas. Representou a Sociedade Civil na comissão de Heteroidentificação da Reitoria do IFSul Câmpus Pelotas.

3/09: Papéis Ocupacionais na Pandemia
Convidada: Renata Cristina Rocha da Silva
Terapeuta Ocupacional. Docente do curso de T.O UPPEL. Mestre em Ciências Médicas pela UFRGS; Doutora em Ciências Cirúrgicas pela UFRGS. Conselheira CREFITO 5.

10/09: O SUS na pandemia a partir do olhar de uma profissional da saúde
Convidada: Ângela Moreira Vitória
Possui graduação em Medicina pela UPPEL (1997). Mestrado em Epidemiologia pela UFRGS (2012). Atualmente, é professora titular da UPPEL e cursa Doutorado em Saúde Coletiva na UNICAMP. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Atenção Primária à Saúde, SUS e Gestão em Saúde.

17/09: Os desafios da democracia dentro do capitalismo a partir do recorte de gênero
Convidada: Flávia Carvalho Chagas
Doutora em Filosofia pela UFRGS/ Universidade de Marburg, Alemanha. Professora do Departamento de Filosofia da UPPEL e do PPG em Filosofia da UPPEL. Foi coordenadora do Programa de Cooperação internacional entre os cursos de Filosofia da UPPEL e da Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique) com financiamento Capes/ AULP. Coordenadora do projeto de extensão: Buteco da Filosofia. Atualmente, tem desenvolvido pesquisa com foco em teorias da justiça contemporânea a partir do recorte de gênero



ELAS POR ELAS: AS MULHERES E A PANDEMIA

A ação “Elas por Elas: as mulheres e a pandemia” consistiu em um projeto de extensão vinculado ao curso de Psicologia da UFPel, fruto da parceria entre os laboratórios já mencionados, sob nossa coordenação. Devido à necessária medida de isolamento social, o projeto lançou mão de recursos, como a criação de uma página no Facebook³ e um Blog⁴, como o formato possível para ultrapassar os muros da universidade naquele momento. Tais instrumentos buscaram uma forma de atuação na comunidade, visando a possibilitar encontros – sobretudo, o das mulheres com suas próprias experiências. As ferramentas utilizadas buscaram oferecer um meio de expressão, elaboração e compartilhamento de vivências para mulheres, mediante a construção de um espaço virtual no qual pudessem se reconhecer e se conectar.

A página foi criada em junho de 2020 e esteve no ar até dezembro do mesmo ano, com o convite para que mulheres de todas as partes do país compartilhassem suas vivências na página, mediante o envio de mensagens à equipe do projeto. Esta foi constituída pelas professoras coordenadoras e por seis estudantes de graduação. O acompanhamento e avaliação do trabalho ocorreram através de um grupo no WhatsApp, funcionando sete dias por semana, além de encontros síncronos em menor frequência. A construção e a manutenção das páginas em redes sociais foi feita a várias mãos, apostando na coconstrução como um dos aspectos centrais no desenvolvimento da ação de extensão. É importante lembrar que, no momento em que este projeto de extensão se organizava, havia um veto do Conselho Federal de Psicologia para que estudantes fizessem atendimento on-line. Havia questões éticas e relativas a recursos tecnológicos que precisavam ser avaliadas e que restringiam as ações do curso de Psicologia. Isso contribuiu para que o projeto se voltasse a uma escuta/leitura das narrativas, mediadas pela página construída.

Um dos pontos considerados no planejamento da ação foi a constatação da especificidade das vivências de mulheres durante o período abarcado, como a intensificação das jornadas de trabalho – que já eram duplas ou triplas no cotidiano que antecede a pandemia. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2018, evidenciam que as mulheres dedicavam 21,3 horas semanais para as atividades domésticas, enquanto os

³ <http://facebook.com/mulhereseapandemia>

⁴ <http://asmulhereseapandemia.tumblr.com>

homens dedicavam 10,9 horas semanais. Por esse motivo, Fonseca e Pagliarini (2020), ao avaliar essa questão dentro da situação de pandemia, consideram o espaço privado da casa uma linha de frente invisibilizada.

Como chegar a essas mulheres, sobrecarregadas e capturadas por uma situação nova, que exige a reconfiguração de seus cotidianos? Tendo em vista a complexidade das questões envolvidas, a preparação da ação de extensão exigiu a retomada de discussões sobre gênero que permeiam a psicologia contemporânea. Atentas à desconstrução da ideia de uma narrativa homogênea, tanto sobre a pandemia, quanto sobre o “ser mulher”, concordamos com teóricas feministas como Haraway (1995) e Wittig (2019), que afirmam não existir sujeito universal. Por isso, é fundamental situar a produção das narrativas que circulam em nosso meio, abrindo espaço para que mulheres diversas contêm suas experiências, com o intuito de não enxergar a pandemia a partir de um ponto de vista hegemônico, ou seja, branco, masculino e centrado na classe média e em sua perspectiva. Nesse sentido, indo ao encontro de hooks (2013), apostamos na importância de evidenciar diferentes testemunhos pessoais, de diferentes vozes, para construir um espaço de cuidado e, simultaneamente, avançar nas discussões de gênero. A autora nos ajuda a entender que uma teoria feminista, para ser libertadora, precisa estar articulada à materialidade do cotidiano.

No início do projeto, chegavam inúmeros relatos de mulheres que queriam expressar suas angústias com a situação de isolamento, ou com a sobrecarga de trabalho e o medo envolvido em sua execução. Estes eram lidos e ordenados de forma a serem postados na página, diariamente, pelas estudantes. Simultaneamente, as publicações eram encaminhadas ao espaço virtual do Blog, que se constituiu como uma espécie de galeria virtual, composta pelos relatos recebidos através da página do Facebook. Tal espaço serviu a fins de registro desse período pandêmico, bem como uma “galeria” de experiências que poderá ser visitada futuramente.

Durante esse percurso, houve solicitações interessantes: algumas mulheres pediram que a equipe participasse – direta ou indiretamente – da construção dos seus relatos. Isso evidenciava o desejo de narrar suas vivências, ao mesmo tempo em que denotava dificuldade em organizar a expressão, ou mesmo falta de tempo, devido à sobrecarga do cotidiano. Elas pareciam se sentir mais confortáveis para falar sobre sua experiência na medida em que a equipe se dispunha a conversar e orientar sobre a escrita, ajudando nesse processo. Como exemplo, podemos citar um relato que foi elaborado a partir do diálogo entre uma estudante (membro da equipe) e uma professora da rede pública

de ensino, que manifestou, pelo chat da página, o desejo de participar. Desse modo, a construção do texto foi feita de forma dialógica, na qual a estudante, mediante uma escuta sensível e atenta, auxiliou a professora a narrar sua experiência.

Ao longo do projeto, a página no Facebook passou por algumas transformações. Nos primeiros meses, obteve um bom alcance, chegando a um número expressivo de curtidas, bem como um grande número de interações e relatos enviados. Contudo, com o prolongamento da situação de pandemia, o teor dos relatos mudou, de modo a expressar mais cansaço, decepção e perplexidades. A frequência dos envios também foi diminuindo, e nos deparamos com dificuldades de funcionamento criadas pelo próprio Facebook, que ocultava postagens para que o alcance fosse expandido mediante pagamento de valores fixos.

Assim, houve a necessidade de avaliar mudanças na dinâmica da página, para mantê-la ativa, lidando com os limites da mídia social. Uma das ações desenvolvidas foi a elaboração, pela equipe, de postagens sobre alguns temas atuais que impactam a vida de muitas mulheres, como violência doméstica, conflitos no ambiente familiar e vivências de mulheres lésbicas e bissexuais em confinamento, dentre outros. Além dessas, outras formas de produção de conteúdo se deram através da publicação de notícias sobre os efeitos da pandemia, bem como a construção de publicações sobre figuras femininas importantes na história, objetivando divulgar suas trajetórias.

Assim, tanto aquelas que construíram um relato, como aquelas que acessaram a página, pontuaram a importância desse espaço para compartilhar as angústias e os desafios enfrentados na nova rotina. A página foi, então, uma forma de encontrar apoio e reconhecimento das dores e lutos que marcaram o período, além de permitir o contato com outras perspectivas. O retorno das mulheres quanto às repercussões nelas geradas pela construção dos relatos evidenciou o quanto o convite para produzir algo sobre si mesmas foi importante, à medida que propunha um momento de pausa, possibilitando o contato com a própria singularidade. Outro aspecto trazido por elas foi a importância de se sentirem escutadas e legitimadas.

Observamos que muitas são as possibilidades de se construir iniciativas voltadas tanto ao acolhimento, quanto à construção de narrativas, nas mídias sociais. Aqui se insere a aposta na arte, no relato e no encontro como ferramentas potentes, que tem atravessado a construção desse projeto. Por outro lado, são inúmeros os desafios de uma ação de extensão remota, que vão desde as limitações do formato virtual, até os altos e baixos no recebimento de relatos e a distribuição das atividades em uma equipe que trabalha

virtualmente. Em meio ao trabalho coletivo voltado à gestão da página, à produção das postagens e ao acolhimento das mulheres, constatamos que as discussões em equipe extrapolaram o contexto de pandemia e as questões de gênero. O exercício de uma postura de implicação frente ao cenário de crises pôde ensinar muito às estudantes enquanto psicólogas em formação. Nesse sentido, a página “Elas por Elas”, ao visibilizar diferentes vivências de mulheres, a partir de suas próprias narrativas sobre a pandemia de Covid-19, provocou um movimento constante na equipe, promovendo diálogos e construções conjuntas. Com isso, o projeto mostrou efeitos na complexificação do olhar para a experiência da pandemia em quatro vias: para as mulheres que acompanham a página, para aquelas que enviaram relatos, para as extensionistas do projeto, que foram tocadas pelas narrativas e/ou participaram de sua construção, e para as professoras que orientaram esse processo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de Covid-19 nos colocou, enquanto mulheres e professoras universitárias, diante de inúmeros desafios. A criação de um espaço de diálogo e cuidado entre nós foi o alicerce para a construção colaborativa de projetos que articulam ensino, pesquisa e extensão – construções situadas social, histórica e geograficamente. Pautamos na ideia de um diálogo entre comunidade acadêmica e comunidade local para a problematização, investigação e produção de conhecimentos sobre os efeitos e desdobramentos da pandemia nas vivências de mulheres. O universo acadêmico, por vezes, acaba por se tornar um espaço restrito, engessado e pouco aberto ao diálogo com a pluralidade de formas de existência. Por isso, nos inspiramos em teóricas que, tomando o gênero como uma categoria de análise, consideram a pesquisa e a educação um caminho para a transformação social.

Construir possibilidades de ação com foco no acolhimento, na troca e na valorização de saberes situados, principalmente em um contexto de pandemia, é de grande importância em nossas universidades. É urgente e inadiável que a pluralidade de perspectivas que se constituem a partir da diversidade de lugares que as mulheres ocupam no mundo possa ser escutada na sociedade, especialmente em um contexto de formação. Sendo a nossa cultura histórica e estruturalmente marcada pelo patriarcado, machismo, racismo e outras tantas formas de opressão, e com a intensificação da vulnerabilidade causada pela pandemia, ignorar essa realidade seria contribuir de forma deliberada para seu aprofundamento.

Os resultados alcançados e aqueles que estão em construção a partir dos nossos projetos evidenciam a importância de “espaços” como os que foram descritos. Eles possibilitam uma série de narrativas, em diferentes formatos: relatos escritos para divulgação na página do Facebook, relatos orais nos encontros do projeto de ensino, respostas ao questionário divulgado na pesquisa. Tais narrativas estão se costurando com teorias, delineando uma colcha de saberes e de vivências elaborados a partir de múltiplas vozes de mulheres brasileiras, vozes que desnaturalizam saberes instituídos e que têm sido fundamentais para avançarmos no entendimento sobre a importância de compreender a pandemia a partir de uma perspectiva de gênero. Dessa forma, encurtamos o distanciamento entre teoria e prática, considerando as diferentes realidades, dentro e fora da universidade, contribuindo com a produção de conhecimento de forma horizontalizada, respeitando e localizando os saberes e experiências. Além disso, os projetos cumprem um papel de cuidado, fortalecimento e suporte à saúde mental, mantendo o vínculo entre discentes e academia, motivando produções em diversas frentes. Como exemplo, podemos mencionar cinco apresentações em congressos, no ano de 2020, relativas aos projetos. Uma delas foi destaque na VI Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão (SIIEPE) da UFPel.

Por fim, nos parece fundamental, para que possamos pensar a universidade para os próximos anos, que as atividades futuras possam ser construídas a partir de propostas pedagógicas que contemplem as especificidades do momento desafiador que vivemos. Acreditamos que às universidades – e a nós, docentes – cabe o dever e o compromisso social de trabalhar com/para os grupos que têm vivido os impactos da pandemia de forma mais intensa. Os projetos descritos reforçam a importância de ações como as desenvolvidas, que instigam um olhar crítico, sensível e interseccional para questões de

gênero descortinadas e/ou agravadas durante a pandemia, algo fundamental para a construção de possibilidades coletivas de cuidado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOOF, L. M. Uma epistemologia para a próxima revolução. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 129-143, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6082/5458>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html>. Acesso em: 25 abr. 2021.

FEDERICI, S. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019.

FIGUEIREDO, L. C.; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, v. 39, n. 70, p. 257-278, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&lng=pt>. Acesso em: 21 ago. 2020.

FONSECA, J. K. M. R.; PAGLIARINI, A. C. A sobrecarga da jornada ininterrupta da mulher na pandemia: mais um caso de desigualdade de gênero. In: RODRIGUES, C. E.; MELO, E.; POLENTINE, M. J. (Orgs.). *Mulheres e pandemia* (v. 1). Salvador: Studio Sala de Aula, 2020. p. 66-73.

FORGHIERI, Y. C. *Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa*. São Paulo: Pioneira, 2002.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

HARVEY, D. Política anticapitalista em tempos de Covid-19. In: DAVIS, M. et al. *Coronavírus e a luta de classes*. Brasil: Terra sem Amos, 2020. p. 13-23. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Coronavirus-e-a-luta-de-classes.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2021.

HOOKS, b. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

INSITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)*. 2018. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/habitacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

LISPECTOR, C. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MOREIRA, D. A. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

ONU MULHERES. Covid-19: mulheres à frente e no centro. *ONU Mulheres Brasil*, 27 mar. 2020. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/noticias/Covid-19-mulheres-a-frente-e-no-centro/>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-82.

WITTIG, M. Não se nasce mulher. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 83-94.